

O INTERIOR SOBREVIVE

A HERANÇA COLONIAL NO ANIVERSÁRIO DA AINDA JOVEM CAPITAL FEDERAL, VALE A PENA LEMBRAR UM POUCO DAS CARACTERÍSTICAS REGIONAIS DEIXADAS POR DUAS ANCESTRAIS DE BRASÍLIA: PLANALTINA, 150 ANOS, E BRAZLÂNDIA, 76

Não muito longe da ainda jovem Brasília, que completa apenas cinco décadas de existência, uma cidade que foi explorada no século 18 fornece ao Distrito Federal um ar antigo e aconchegante que poucos lugares do Planalto Central podem oferecer. Planaltina foi reconhecida como distrito no longínquo 19 de agosto de 1859, data em que celebra aniversário, e foi batizada com o nome atual em 1917, muito antes do início da construção da capital. Em 1892, o presidente Floriano Peixoto enviou à região a Comissão Exploradora do Planalto Central, comandada pelo geógrafo Luiz Cruls. A missão era demarcar a área onde seria erguida a nova capital brasileira. Em 7 de setembro de 1922, a pedra fundamental de Brasília foi fixada, a 9km de Planaltina. A importância histórica da região administrativa ainda pode ser verificada com facilidade em várias partes da cidade, que revelam um jeitinho pacato e interiorano de viver.

Boa parte da memória material de Planaltina está concentrada na região tradicional da cidade, onde fica o Museu Histórico da cidade. Ao redor, ruas, casario baixo e igrejas fazem qualquer turista ficar em dúvida sobre o lugar que está visitando: é interior de Goiás ou Distrito Federal? As risadas constantes de Geralda Vieira, 79 anos, há 49 no DF, manifestam a vitalidade de quem passou muitos verões administrando um negócio no local. "A casa já era bem antiga quando me mudei, toda de adobe. Mas quase tudo ainda é original", diz Geralda, descrevendo O Casarão Hotel, situado à direita do museu, no sentido de quem chega do centro.

Com o marido, Geraldino Vieira, que faleceu há dois anos, ela adquiriu o casarão, em 1963, de um senhor de Santa Catarina. Hoje, só funciona como hotel, mas antes o local também abrigava uma churrascaria. Geralda transformou o espaço em mais suítes — no total, são 22 quartos, mas vários ainda são "do corpo da casa, sem banheiro". O cli-

ma de cidade do interior faz Geralda se lembrar da terra onde nasceu, Nova Veneza, a 29km da capital goiana. Apesar das características caseiras e tranquilas, a empresária, residente no Lago Sul, expressa preocupação. "A cidade está ficando muito violenta. Mas nunca tive muitos problemas. Toda a vida mantive o silêncio aqui: a noite é pra dormir. Tenho freguês com 33 anos de casa", diz.

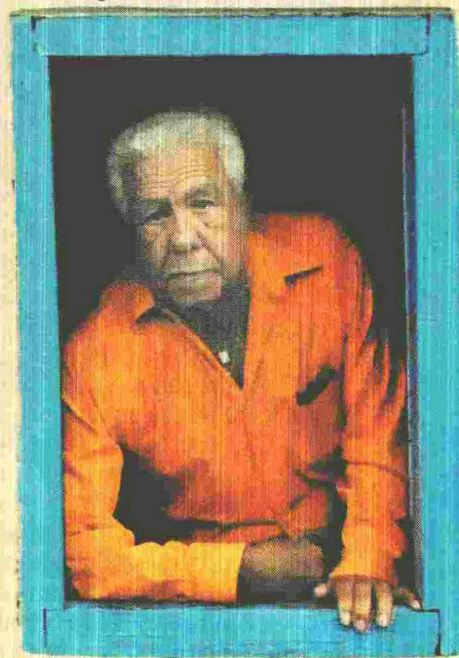
O homem que dá nome à Praça Coronel Salviano Guimarães, logo à frente do museu, permanece vivo na memória dos habitantes da cidade. Principalmente, na de Salviano Monteiro Guimarães, 66, herdeiro do nome do avô e atual dono da casa do seu sogro, Hosannah Campos Guimarães. O casarão do planaltinense Hosannah, que, segundo Guimarães, foi o primeiro médico do Planalto Central, foi readquirido pelo genro há um ano e está em más condições. "Meu sogro vendeu, e a casa ficou fechada durante tanto tempo, que foi se deteriorando. Comecei a fazer uma reforma. Só refiz o telhado por causa da chuva. A fachada é muito trabalhada e precisa de um artesão. A chuva ainda pode desmanchar todo o trabalho", conta.

O casarão foi construído por Hosannah em 1938 e serviu-lhe de residência até 1952. O tempo deixou marcas severas na estrutura da casa, planejada com traços da arquitetura francesa. O objetivo de Guimarães é preservar o que ficou e restaurar elementos originais da casa. "Não demoli em homenagem ao doutor Hosannah, que foi um grande líder e abraçou a mudança da bandeira da capital. A casa é patrimônio histórico, representa uma época, parte da história do DF", analisa.

RESISTINDO AO TEMPO

O enorme cinturão agrícola, as belezas naturais, o lago Veredinha, a Festa do Morango e o Santuário do Menino Jesus de Praga, o segundo maior do país, tornam Brazlândia uma cidade única.

Edilson Rodrigues/CB/D.A Press



Seu Nenenzão viu Brazlândia crescer da janela de casa: ele e a família chegaram à cidade em 1933

Além de destino certo para quem procura trilhas ecológicas e o ritmo calmo de interior goiano, a região abriga peculiaridades que só as pequenas comunidades têm: gente que experimentou as mudanças do tempo, observou o concreto invadir as matas, carros substituírem carroças, comércio fechando, comércio abrindo.

Gente como Leonardo Carlos de Oliveira, 84 anos, que atende pelo apelido de Seu Nenenzão. Ele viu Brazlândia crescer da janela de casa, desde

que se mudou para a cidade, com seus pais, em 1933, ano da fundação do distrito. Ele havia saído de Luziânia com 7 anos. A residência, localizada no setor tradicional, é praticamente a mesma da época em que foi comprada por ele, em 1957, logo depois de ter se casado com Julieta de Jesus Lima Oliveira. Seu Nenenzão faz reformas anuais, mas mantém portas e janelas originais. "Não tinha nada aqui. Quando meu pai chegou, só tinha casa de palha", conta.

Seu Nenenzão trabalhou muito tempo levando material de construção para as primeiras construções da cidade. O transporte de areia era feito num "carro de carneiro". Ele explica: "Eram 12 carneiros que puxavam o carro, pra vender serragem". Ele também se orgulha de ter ajudado na edificação da Rodoviária. "O primeiro caminhão de cascalho que chegou na Rodoviária fui eu que dirigi", diz.

Distante apenas uma rua da Paróquia São Sebastião, a casa de seu Nenenzão é símbolo de uma cidade que cresceu timidamente ao longo dos anos, mesmo estando a 59km do Plano Piloto. É um fragmento do interior de Goiás, que, por ocasião da construção de Brasília, passou a pertencer ao Distrito Federal.

Terezinha Queiroz é sobrinha de Leonardo e mora há oito anos na casa da avó, Judith Cardoso de Oliveira. O lago Veredinha faz margem com o fundo da casa, situada em chácara. Da formação original, Terezinha modificou pouca coisa. Precisou colocar grades nas janelas e cerca de tela nos limites do lote pela falta de segurança. "As janelas são todas de madeira antiga, portal de largura de quase um palmo. Fui criada aqui e depois saí da barra da saia da avó pra casar. Depois vim tomar conta da casa", diz. O DF cresce compulsivamente, mas Brazlândia e Planaltina, apesar de participantes do progresso, ainda se orgulham de poderem ser chamadas de tradicionais.